



PARTILHAR ESTE ARTIGO



Facebook



Twitter



WhatsApp



E-mail



**Q**uando Graça Carvalho estava a tirar o doutoramento, na sua turma os alunos eram de origens e de continentes distintos. "Era essa a riqueza daquela universidade: termos palestinos, egípcios, nigerianos, norte-americanos, portugueses, gregos..." Cabeças que pensavam e desenvolviam em conjunto são a metáfora de que a antiga ministra da Ciência e Ensino Superior se socorre para explicar o resultado que a Europa pode atingir se tornar a maior fraqueza - o impasse das migrações - numa "enorme força". No gabinete onde trabalha hoje em Estrasburgo, no Parlamento Europeu, a eurodeputada do PSD conta à TSF as expectativas que tem para os próximos anos, desejando que a UE, mas também Portugal, se possam tornar mais jovens, inovadores e diversos. Para isso, defende, serão necessárias lideranças fortes.



Houve surpresas, várias surpresas positivas, e houve uma decepção para mim. Achei muito importante o ênfase e a prioridade dados à saúde, que já vem na continuidade do discurso da presidente, e o anúncio do financiamento para esta nova autoridade que vai preparar a Europa para as futuras pandemias. É uma notícia importante, porque é algo de que se sentiu a falta. A nossa preparação e o bom resultado que estamos agora a ter nos 70% da população vacinada resultaram de todo o investimento que foi feito na ciência, mas o mercado interno não estava muito preparado para esta pandemia. O que nos valeu foi estarmos preparados do ponto de vista científico, o que nos fez desenvolver a vacina em pouco tempo.

O segundo anúncio positivo está relacionado com a digitalização, com o 5G, com a fibra, mas também com a prioridade às competências digitais. O ecossistema para os microprocessadores, que é algo que no meu relatório sobre supercomputadores, segundo o qual Portugal vai ter um supercomputador no Minho, pedia à [Comissão Europeia](#). É algo de que precisamos, senão ficamos altamente dependentes da Ásia.

#### SUBSCREVER NEWSLETTER



Subscreva a nossa newsletter e tenha as notícias no seu e-mail todos os dias

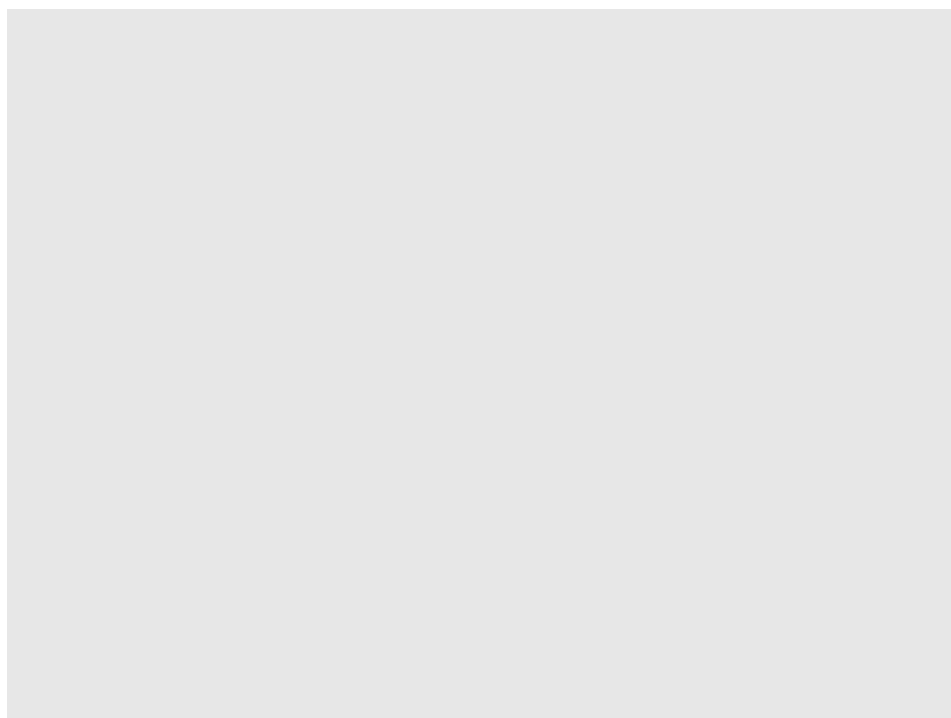
**“Como é que se ajuda sem se reconhecer o Governo taliban? Não se pode reconhecer um Governo que não cumpre o que prometeu, que não respeita os direitos humanos, os direitos das mulheres e das crianças.”**

Uma nova estratégia dos cuidadores, sobre a qual também escrevi, à presidente da Comissão há cerca de dias, com outras colegas, homens e mulheres, mas essencialmente mulheres. A prioridade às alterações climáticas, e a duplicação do financiamento externo para a biodiversidade, e os quatro mil milhões adicionais para o financiamento do clima, também a nível global. Estes foram os pontos que considerei muito positivos.

Há duas decepções, uma delas relacionada com o Afeganistão. Foi dada uma grande prioridade política, mas depois foram anunciados cem milhões de euros, o que é muito pouco, para o que é preciso neste



reconhecer um Governo que não cumpre o que prometeu, que não respeita os direitos humanos, os direitos das mulheres e das crianças.



A grande desilusão está relacionada com a ciência. Foi várias vezes referida a tecnologia muito relacionada com a digitalização, com os microprocessadores, mas a ciência fundamental que, para mim, é uma das partes importantes do futuro da Europa, não esteve presente neste discurso. Foi a nossa capacidade científica que nos salvou ou que nos pode vir a salvar desta pandemia. As duas principais vacinas foram cofinanciadas pelos fundos europeus de ciência e inovação. Tenho pena de que a ciência tenha estado fora do discurso da presidente da Comissão Europeia.

**“Acho que é uma oportunidade perdida não termos mais ciência e inovação também nos planos de recuperação e resiliência.”**

**Os planos de recuperação europeus estão alinhados com aquelas que considera serem as prioridades para os próximos anos?**

Os planos são diversos nos vários países. Algo que pedi desde o início foi uma grande prioridade à cultura. Nem todos os países deram essa prioridade à cultura. A [República Checa](#) deu 4% à cultura no plano de recuperação, o que é muito bom.



de ciência e inovação, Horizonte Europa. Acho que é uma oportunidade perdida não termos mais ciência e inovação também nos planos de recuperação e resiliência. É uma das políticas para o futuro, e quem vai pagar - porque isto é dívida - este Plano de Recuperação e Resiliência são as pessoas que agora são jovens. O mínimo que se pode fazer é ter políticas que as preparem melhor para as suas vidas. Tenho pena que os Estados-membros não tenham posto mais na ciência e inovação. Alocaram a ciência e inovação às tecnologias verdes, no Green Deal, e digitais, mas é preciso ciência e inovação de um ponto de vista mais geral, uma medida mais horizontal.

No PRR português, é dada uma grande prioridade ao setor público, e o setor privado vai beneficiar indiretamente do setor público, por contratação pública. Acho que deveria haver mais apoio ao setor privado, ao setor produtivo, industrial, às pequenas e médias empresas.

---

PUBLICIDADE CONTINUE A LEITURA A SEGUIR



---

A segunda crítica que tenho ao plano português é que esquece o ensino superior. O ensino superior está muito ausente do Plano de Recuperação e Resiliência, e o nosso ensino superior precisa de uma nova injeção de investimento. Nos edifícios já houve muito investimento, há 20 ou 30 anos, e os edifícios duram bastante. Mas o equipamento pedagógico está muito obsoleto; isto é transversal a toda a educação. Precisamos de um grande investimento nos novos meios pedagógicos, com toda a digitalização, e aí poderíamos aproveitar este plano para um maior investimento no ensino superior; está mais presente noutros graus da



**“Não sei se é do conhecimento público que os nossos profissionais de saúde, não só os médicos, mas também enfermeiros e técnicos de saúde, são do melhor que há no mundo.”**

A educação e o ensino superior têm sido pastas prejudicadas neste contexto de pandemia...

Sim, sim, e a educação é essencial para preparar para o futuro. Algumas políticas têm corrido bem em Portugal, uma delas tem sido a política de formação de doutores. É uma política que vem desde há 20, 25 anos: formar sistematicamente os nossos jovens. É uma geração muito bem preparada. Temos investigadores de grande excelência por todo o mundo; tanto alargámos em número como aprofundámos a excelência científica. Estes doutores não estão a contribuir como poderiam para o desenvolvimento da riqueza do país, porque o nosso setor privado é ainda pequeno, não consegue absorver estas pessoas qualificadas, este know-how, transformá-lo em riqueza, para terem impacto na riqueza do país. Muito poucas empresas portuguesas têm doutorados nos seus quadros. Olhamos para a Bélgica, para a Holanda, que são países que exportam muito serviços, e têm percentagens perto de 40% de trabalhadores doutorados.

Temos de continuar com a estratégia de continuar a qualificar a população; qualificar os jovens, mas também qualificar a população mais velha, com competências básicas, com competências digitais. O plano de recuperação tem muito investimento nessa parte. No ensino superior, não tem o suficiente, e seria necessário equipamento pedagógico para enfrentar todas as novas tecnologias.

**As últimas gerações são muito qualificadas, mas existe uma dificuldade, de resto, já assumida pelo Governo, de fixar estes talentos no país. Que medidas teriam de ser tomadas para que o país não exportasse esta mão-de-obra, profissionais de saúde incluídos?**



Há aqui dois fatores. Um deles é o fator salário, mas até estou convencida de que não será o mais importante. Conheço muitos investigadores, e o mais importante será as condições de trabalho, as condições para fazerem o seu trabalho de uma forma que eles consideram capaz e que sentem que podem tirar partido dos equipamentos que têm. Por vezes, não têm essas condições e vão para outros países que lhes dão melhores condições de trabalho. Não é só uma questão salarial, mas também é.

Não sei se é do conhecimento público que os nossos profissionais de saúde, não só os médicos, mas também enfermeiros e técnicos de saúde, são do melhor que há no mundo. Houve uma política consciente e muito assumida - a reforma de Bolonha -, que foi do meu tempo e depois seguida pelo professor [Mariano Gago](#), de tornar os cursos de tecnologia de saúde e de enfermagem cursos mais longos (4+2 anos) e muito científicos, profundos e que se baseassem na evidência científica. Há outra linha de discurso que é seguida noutros países: são cursos mais curtos, mais técnicos. Não foi a nossa via, portanto houve um grande investimento. No meu tempo, o curso em que investíamos mais por aluno era medicina, em seguida, enfermagem, e depois tecnologias da saúde. Isto é um investimento que o país tem feito ao longo dos anos, para ter profissionais de saúde de grande qualidade. Foi uma decisão política feita por mim e mantida por todos os ministros até agora, e muito bem. Mas depois não temos as infraestruturas para os reter, e eles são muito cobijados. A [Suíça](#) e o [Reino Unido](#) conhecem as capacidades dos nossos profissionais e vêm buscá-los. Oferece-lhes melhores salários e infraestruturas.

**“Tenho esperança de que, além do financiamento dos próximos quatro, cinco anos, sejam feitas estas reformas essenciais. Senão não vale a pena, é bom enquanto dura mas depois não fica.”**



temos de ter um setor privado que utilize estas pessoas, que as empregue, que converta o seu conhecimento em riqueza, em produtos e exportações, porque eles são um investimento de todos nós.

Temos de olhar para o país e dar-lhe uma maior competitividade do ponto de vista industrial, do ponto de vista empresarial, menos burocracia, menos impostos, menos barreiras às pequenas e médias empresas para inovarem, para exportarem. Há muitas barreiras legislativas. Era necessária uma grande reforma nesta área para o país ser atraente no setor privado, e, se for necessário, dar incentivos para que estas empresas empreguem e tenham nos seus quadros doutorados.

A Justiça também não pode ser tão demorada, em todos os processos que envolvem o meio empresarial. Uma empresa não pode ficar à espera de decisões durante muito tempo.

PUBLICIDADE • CONTINUE A LEITURA A SEGUIR



O Plano de Recuperação e Resiliência não é só um plano para financiar e distribuir financiamento. Também deverá ser acompanhado por reformas, por reestruturações que melhorem a competitividade. Felizmente temos a matéria-prima, temos as pessoas, que geralmente levam muitos anos a formarem-se. Tenho esperança de que, além do financiamento dos próximos quatro, cinco anos, sejam feitas estas reformas essenciais. Senão não vale a pena, é bom enquanto dura mas depois não fica. Depois paga-se a conta, não é?

PARTILHAR ESTE ARTIGO



Facebook



Twitter



WhatsApp



E-mail



## COMENTÁRIOS



Adicionar um comentário...

Plug-in de comentários do Facebook

## RELACIONADOS



**Governo quer proibir empresas de contratar externamente após despedimento...**

**Governo recusa seguir "truques fáceis" de Espanha e não quer fixação de preços na energia**

**Inflação chega aos 3% em agosto na zona euro e UE. Portugal com 3.ª menor**

**Bancários do BCP e do Santander em greve no dia 1 de outubro contra despedimentos**

**José Abraão candidata-se à liderança da UGT**

## MAIS NOTÍCIAS

BRAND STORY

**Fuga ao fisco. Provedoria de Justiça diz que lei viola constituição e ameaça sigilo do...**

**"Cada vez mais gente que decide conhece mais capitais europeias do que capitais de..."**

**PATROCINADO A luta contra o trabalho temporário será justa?**

**Parlamento aprova mudança de Tribunal Constitucional e Supremo Tribunal Administrativo par...**

**Milhões de alunos continuam sem aulas devido à pandemia**

BRAND STORY

**PATROCINADO Elevar o conforto da sua casa com um poder revigorante, reconfortante e...**

**"Não podemos prender" quem vai à procura de uma vida melhor. "Temos de atrair pessoas de..."**

**Governo quer proibir empresas de contratar externamente após despedimento...**

**Taliban ordenam regresso à escola apenas a rapazes**

**Portal Digital Único arranca no 4.º trimestre de 2022 com Carta de Condução na hora**

BRAND STORY

**Se vai agora para a estrada, veja aqui se há dificuldades**

**PATROCINADO Abandono precoce do emprego em prol de cuidar**

**Fogo Fogo: a chama do funaná em novo álbum com capa de Vhils**

**PATROCINADO O legado de uma família, onde o vinho é o protagonista.**

**"Se falam e querem a descentralização, então comecem pela regionalização"**

BRAND STORY

BRAND STORY

**Costa avisa que PRR já não é exercício de imaginação e tem metas contratadas**

**Inflação chega aos 3% em agosto na zona euro e UE. Portugal com 3.ª menor**

**Governo rejeita fixar preços na energia, a "desorientação" na Educação e outros destaques TSF**

**Covid faz mais sete mortes e 1023 novas infeções. Rt e incidência descem**

**PATROCINADO Pequenos hábitos, grandes diferenças**

**Ministério da Saúde determina que hospitais podem suspender atividades não...**

**Governo recusa seguir "truques fáceis" de Espanha e não quer fixação de preços na energia**

**Manifestantes anti-Trump concentrados em frente à Casa Branca**

**Habitação em Évora. Associações denunciam excesso de entraves à aprovação de...**

**Um terço da população em Portugal já foi testada à Covid-19**